

Gaiato

20 DE MAIO DE 1967
ANO XXIV — N.º 605 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Filhos ilegítimos?

Começa a pesar-me um pouco o risco da reptição neste ir transcrevendo e comentando o texto em que o Autor do capítulo sobre a Filiação no novo Código revela a mente que o animou na redacção da lei. E no entanto, cada novo parágrafo, embora nada acrescentado de substancialmente novo, ilumina uma faceta do que ele pensa — do que nós julgamos o seu equívoco entre a ordem moral, que ele conhece a partir da sua própria vida, e a ordem real, que a mesma vida não o pôs em condição muito favorável para conhecer.

Que parece, portanto, ponto assente para o legislador a inaturalidade da filiação que diz ilegítima, o demonstram estes períodos: «Quando, pois, a filiação não provém do casamento, cada um dos progenitores sente que interveio nela só materialmente (...), e o filho surge, por isso, como se fosse alheio. Há na geração ilegítima qualquer coisa de frustrado, como se o filho viesse mutilado ou como se se quisesse impor a um homem, como verdadeiramente seu, um membro alheio que enxertassem no seu corpo».

Ora esta afirmação, além de que em muitos casos teórica, não justifica a relegação do filho assim gerado para um plano de direitos diminuídos.

Aceitemos, porém (sem reivindicarmos as excepções), que «os progenitores sentem que intervieram só materialmente, sem terem dado a sua vida, a sua alma ao outro progenitor...»

O característico do humano não é sentir, é pensar; pensar e decidir. Ora nem que seja «só material» a intervenção dos progenitores no caso, ela não pode nem deve escapar à sua consciência. Que eles sintam o vazio do seu acto... — muito bem! Mas que pensem nas responsabilidades que ele lhes acarretou e as assumam! Ou, porque «o filho lhes surge, como se fosse alheio», alheios podem eles ficar à sua responsabilidade?! Ou então, a quem havemos de imputar a responsabilidade? Quem será, ainda assim, menos alheio àquela pessoa que entrou no mundo, «como se fosse alheio»? Ou condená-lo-emos para sempre, irremediavelmente, a ficar alheio, «mutilado» nos seus direitos de pessoa humana, e ainda mais: intruso, como um tumor mal nascido, ou um membro artificialmente enxertado num corpo natural?!

Não sei se foi, mas poderia ser na contemplação das interrogações que aí deixo, que o legislador ajunta o parágrafo

Continua na SEGUNDA pág.

Enquanto não chega o pão para o pequeno almoço quedo-me a observar o quadro lindo dos «batatinhas» a varrer os terreiros. Neste quadro vejo o «Manel» de 6 anos, que veio do Bembe, lá do Norte de Angola. A herança que o acompanhou até à Casa do Gaiato foi a necessidade de Amor. Perdeu tudo o mais, na confusão da guerra. Quando me viu, correu a dizer-me que lhe doía um ouvido, de lágrimas nos olhos. O nosso encontro foi alívio para a sua dor; e já não chorou.

Reparo também no Joaquim que trouxe consigo uma doença nos olhos e a mesma necessidade de Amor. Desconhece tudo o mais. A própria sociedade o desconhece, pois nem sequer é registado nos livros.

Vejo o Joaquim e o Manuel pegando na padiola onde os companheiros vão lançando os pequenos montes do lixo que suja os terreiros.

Enquanto trabalham vão cantarolando. Neste quadro não falta a música de fundo — «Ribeirinho, ribeirinho que estás tu a murmurar...»

São 8 horas. A sineta toca. A senhora professora, chega. Largam as vassoiras e as padiolas. É hora da escola. O silêncio é, agora, o senhor dos terreiros e vou tomar o pequeno almoço, que o pão já chegou.

x x x

Obras da nossa Aldeia. A Casa Mãe recebe os vidros das portas e janelas e os últimos retoques de pintura. Falta-nos, o recheio. Falta-nos todo o recheio, para a Casa Mãe. Cadeiras, mesas e camas.

Sabes tão bem como eu o que falta. Se tu pudesses e quisesses... abreviavas a nossa ida para a casa Mãe. Não queremos mobília de luxo. Agradecemos o bom para nos ficar mais barata a conservação. Não importa que seja usado. Já temos algumas cadeiras e duas mesas. Foram oferecidas por um casal que regressou à Metrópole e quis deixar-nos alguma coisa de seu. Para te facilitar o trabalho ao pensares no que há-de dar à Casa Mãe, digo-te que há o dormitório dos «batatinhas» para mobilar. Não tem nada. Olha para o quarto dos teus filhos e decide-te. Há também uma

sala de visitas. Mais uma enfermaria e consultório médico. Uma rouparia. O refeitório é para 160 rapazes e nada tem. A propósito, já fiz a encomenda de 20 mesas para o refeitório e tenho que as pagar. Há duas salas de trabalho... e mais coisas.

x x x

Depósito de água. Chegou ao fim, na quarta-feira passada. Há que atender ainda a alguns portadores, mas está praticamente

deste e daquele, por via da sociedade metida e preocupada no seu eu, sem olhar o lado negativo dos outros que passam despercebidos, dentro dos tugúrios feitos da lama que a própria sociedade desenvolve e continua a calcar. Ela, ou a Casa do Gaiato, seria a solução.

É assim que muita gente julga, e a outra parte, se ama,

continua na SEGUNDA pág.

continua na SEGUNDA pág.



Era domingo. Eu ia com os meus dois «pimpolhos» ver o programa infantil na Televisão. Na frente da nossa casa encontrei uma Mulher que conheço bem, desde que vim pra Setúbal.

É uma rapariga solteira do meio rural, que procura ver e amar Cristo nos outros, e que nos tem animado muito no que somos e para onde queremos ir.

Ela procura ser mãe daqueles que a não têm. E já tem cinco.

Ela quer que os «seus» filhos tenham e sintam o melhor ambiente familiar.

Como lhe «apareceu» o quinto, veio até nós colher impressões e depois desabafar, porque foi de porta em porta

ver se arranjava família para ele, mas tudo se desculpou. Ela bateu à porta de casais dotados e sem filhos, e eles recusaram-se, com medo disso e daquilo. Havia duas soluções na mente desta Mulher, cujo ideal é ser Mãe dos que a não têm, por egoísmo

OVO DE COLOMBO

Tem sido aqui uma pequenina guerra, pois Júlio, assoberbado com as Festas, não tem podido dar-se à impressão de um trabalho de grande interesse como tentativa de sistematização da Pedagogia de Pai Américo, doutrina dispersa em tantos dos seus escritos.

Trata-se de obra de fôlego que Alguém procurou arrumar humildemente, num esforço heroico de síntese ao longo destes 11 anos que vocaram sobre a morte de Pai Américo. Portanto obra que requiere muita atenção do Júlio, a qual ele, honestamente, não lhe podia prestar neste

vai-vem que tem sido a nossa vida de romeiros.

Porém, eu insistia em que a nossa actividade editorial não pode sofrer descontinuidade — e portanto que devíamos ir preparando 2.ª edição de outro dos livros esgotados de Pai Américo, tarefa mais ao alcance do momento, tendo sugerido mesmo o «Ovo de Colombo», por ser pequenino.

Ora acontece que Júlio me pediu calma e que lá chegaríamos — e eu ia-me ficando,

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

Areias do Cavaco

Cont. da PRIMEIRA página no fim. Não penses, contudo, que acabaram as «dores de cabeça» por causa do depósito. Falta pagar o cimento. Foram cerca de 800 sacos dele. Não te digo nada acerca do ferro que gastou, mas se tiveres dúvidas vai ao Nunes de Freitas, em Benguela e há-de pôr as mãos na cabeça, como o temos feito muitas vezes. Se não fosse o carinho com que sempre nos recebem naquela casa, não teríamos andado tanto. E, para fazeres uma ideia da nossa vida, no que se refere à parte mate-

rial, te digo que as nossas contas de 1966 acusam uma despesa da ordem dos 1.800 contos. Não escondemos nada. Vem ver. Também não sou capaz de te dizer como foi possível ir tão longe. Não somos nós que fazemos as contas. É o Pai do Céu. E julgamos que estão bem entregues. Eis tudo o que tenho para te dizer.

Agora dou a palavra a uma mãe benguelense:

«Num dos últimos jornais, li um apelo do Snr. Padre Manuel António, que, fazendo eco de um dos amigos da Obra, propunha que, em vez de dar-

mos os habituais 2\$50 pelo «O Gaiato», déssemos cinco ou dez escudos, o que, na verdade, para a maioria dos leitores não representaria nada, mas para aqueles Rapazes... a receita duplicaria uma ou duas vezes, e logicamente, as dificuldades diminuiriam na mesma proporção. Que bom que seria!

A Casa de Benguela está a bem dizer, a principiar, e há portanto, tanto, tanto para fazer, mas que não se pode fazer!... E porque há-de ser apenas o Sacerdote que está à frente da Obra, o único a arcar com todas as «dores de cabeça», o único a resolver todos os problemas? Porque não fazemos dela, também a NOSSA Obra? Será preciso lembrar que já há lá muitos rapazes da nossa cidade, do nosso distrito, da nossa Angola?

E, afinal, eram as duas partes a ganharem: eles e nós. Eles, por verem certas dificuldades vencidas, por verem crescer a sua CASA que os há-

-de abrigar e àqueles que nesta terra imensa esperam a sua vez, a vez da chegada da Justiça, a vez de se lhes estender a mão para lhes dizer: — Irmão, segue-me, e vem conhecer o Amor que te espera.

E nós, oh! quanta riqueza não adquiriríamos! Sim, aquela riqueza — riqueza espiritual — que é a única, afinal, a que conta.

Todos nós gostamos de dar, porque sentimos consolo, sentimos algo indefinível que nos aproxima de Deus. Porquê então, tanto comodismo? Apenas com mais uns escudos, enriquecemo-nos, damos-lhes um auxílio material e damos-lhes mais, muito mais: Amor e Compreensão. E também... sentiríamos as nossas consciências um pouco mais em paz.

Soam as trombetas, soa a nossa hora; já é tempo de por-mos de lado o nosso egoísmo e reconhecemos nEle a Verdade, o nosso Caminho. Vamos todos seguir o alvitre. Eles esperam por ti, leitor amigo, por todos nós. São menos umas guloseimas que damos aos nossos filhos, para que os OUTROS FILHOS não esperem mais a sua vez.

Uma mãe Benguelense e Amiga do Gaiato»

Ovo de Colombo

Cont. da PRIMEIRA página

mas pouco em paz. E, para findar o diálogo: — Ó Júlio, olha a nossa Editorial. — Ó Sr. P.e Carlos, tenha paciência... — resolvi-me, eu e mais o Resende e demos «golpe de estado», começando nós a trabalhar na reedição do «Ovo de Colombo» sem querer saber das calmarias do Júlio.

De modo que aquelas muitas almas sequiosas que têm devorado os três volumes do «Pão dos Pobres» e o «Obra da Rua», tenham, por sua vez, um pouquinho de paciência e espero não tardar muito que comece a chegar-lhe este precioso opúsculo, que nem por o ir relendo na minha prosaica tarefa de caçar gralhas, eu consigo chegar ao fim de olhos enxutos.

Filhos ilegítimos?

Cont. da PRIMEIRA página

fo seguinte: «E para o filho essa procriação, por assim dizer restrita, é uma das maiores injúrias que se podem infligir ao homem, pois se lhe rouba a grande honra e a grande felicidade de poder sentir-se plenamente filho de seus pais e de poder orgulhar-se da própria origem».

Ora se assim é, para que assim não seja, para que esta «maior injúria» seja restringida o mais possível, esgotadas todas as medidas mais aptas para evitar os actos ilegítimos capazes desta procriação — que a lei se ocupe com toda a clareza e energia, em

obrigar estes progenitores a compensarem a «restrita» procriação que fizeram, com a amplitude de cuidados e de carinhos devidos a toda a criança que veio a este mundo, e a quem ninguém os deve mais do que os seus progenitores, ainda que «restrito» tenha sido o acto procriador.

E se tal não acontece espontaneamente por imperativo do sentimento; se nem sequer por determinação de uma consciência que viu a sua responsabilidade e se dispôs a cumpri-la — quem há-de ser primeiro a suprir, senão a lei, uma lei com alicerces firmados na realidade, simples e eficazes?!

Ninhos, pardais, passarinhos e passarões. São eles. Eles mais os passarinhos. Por onde passo, vejo um passarito nesta e naquela mão. Há bocadinho, estava eu na televisão, vi entrar o nosso Salazar em ar de triunfo, com um melro.

Só queria que visses estes triunfos! Antes tinha eu acariciado o pardal que estava nas mãos do nosso Carlos Alberto. Depois, vi outros por aqui e por ali. Há deles em gaiolas, deles nas mãos, deles nas gavetas e nos armários.



VISTAS DE DENTRO

Um dia destes, fui pra pintar as portas do armário da cozinha e tive que ralhar e perguntar o que era aquela sujidade. — «Foi o melro do «Periquito» — disse-me o Carlos Alberto. Vejam bem. «Periquito» é cozinheiro e guardou o melro no lugar onde devia guardar as comidas. Oh! desordem. Oh! Amor. Eis os nossos tribunais.

x x x

Joanito — ele era muito pequenino quando veio para nós. Anda na roda dos dezasseis. Ele pertence à secção dos nossos pedreiros. Na construção do Lar, já lá estão paredes levantadas por ele. Agora andamos aqui em casa a restaurar. Joanito anda a pintar. Ele tem brio, ele tem gosto pelo trabalho. Toca a sineta pra largar, e ele fica. Eu fico silencioso, e penso, tenho pensado muito nestes dias, na pedagogia de Pai Américo: «O trabalho em nossas Casas, é fonte de riqueza social». Ele é escola. Nele, dão os rapazes fé dos Valores que cada um tem.

Todos os homens têm Valores. O mundo não dá fé. Há dias, andávamos nós a encher a placa do 2.º piso do nosso Lar. Largámos para ir almoçar. No caminho, fomos exaustos mas contentes. A roupa, pingada de suor e salpicada da massa, dizia do esforço. Passámos por alguém que comentou: — «São da Casa do Gaia-

to, coitadinhos, andam ali a fazer uma obra ao pé do cemitério».

Este coitadinho entrou-me cá dentro e deu-me vontade de vomitar e dizer da mentira e da injustiça feita a estes meus irmãos. As Casas do Gaiato não albergam coitadinhos. Eu chamo coitadinhos àqueles que têm os olhos tapados e não vêem o que os outros têm de valor. Calcar, diminuir, é mais fácil.

Os habitantes das Casas do Gaiato são daqueles ressuscitados que o mundo deixa definhando aqui e ali, nas barracas ou nos tugúrios. Eles, coitadinhos? Mentira!

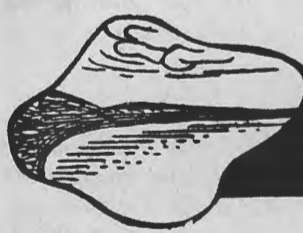
Coitadinhos somos nós quando não sabemos amá-los e dizer-lhes da riqueza que cada um tem dentro de si.

x x x

«Olha, anda cá ver». Este foi o grito do «Cegonha». Eu fui e ele abriu de mansinho a porta da coelheira e dá largas ao seu regozijo: — «São muitos, e são tão pequeninos, parecem ratinhos».

O que de beleza eu vi nesta imagem do «Cegonha»: muitos coelhinhos recém-nascidos. Nós aprendemos deles aquilo que lhes queremos dar, e por vezes não sabemos como. A Natureza faz abrir, a pôr ó léu estes corações tão sedentos da Fonte que queremos colocar diante deles, para que vejam e bebam dela no amor aos outros.

Ernesto Pinto



SETUBAL

Cont. da PRIMEIRA página

é o coitadinho que lhe sai da boca, e não o sentimento do irmão; e não o amor ao Cristo que tantas vezes serve de fachada exterior. Preferiu ficar ela com ele, do que no-lo dar. Pensou todos os problemas presentes e futuros dos «seus» filhos, e nem sequer se preocupou com as suas próprias posses. O amor é assim. O verdadeiro amor — diz o Apóstolo — não tem limites. Ela sabe que nós lhe ficaria-

mos com ele, mas compreendeu melhor que não queremos ser armazém de rapazes. Ela sabe que as Casas do Gaiato vivem, e têm razão de ser, para darem e serem família dos que a não têm por via «disto e daquilo» que tu e eu sabemos.

É muito mais difícil amar a lama que nós próprios produzimos, do que tu na tua casa, no ambiente da tua família, fazeres entrar e transformares em Valor Social, aquela criança que te parece diminuída

por via da fome e dos maus tratos. O nosso Zézito, é testemunho vivo de Cristo, morto antes, e depois ressuscitado porque o fomos buscar à lama. Só queria que visses esta ressurreição! Hoje, um casal sem filhos, ama-o como deles, e Cristo é feliz neste lar. E será sempre que tiver guardada no coração dos homens que têm fome dEle.

«Eu peço-Lhe que me dê fome dEle, mas dEle Vivo nos meus irmãos». Esta a alegria da Mulher tão simples que procura beber da água que mata a sede espiritual.

O único testemunho de Cristo, é o amor vivido por nós, o transmitido aos outros em obras.

Ernesto Pinto



No sábado passado vieram até nós, em dois auto-carros, os Seminaristas de Coimbra, mais os Professores, inclusive o próprio Reitor.

A visita era aguardada ansiosamente. E com muita alegria. Já que a «Obra da Rua» nasceu precisamente no mesmo Seminário — onde Pai Américo se fez padre, confirmando a martelada do Senhor, em pleno coração d'África, nas terras de Moçambique.

A noite, após o terço e a ceia no refeitório, foi uma hora de convívio no salão de festas da nossa Aldeia. João da Rocha — e seus companheiros — apresentou vários números da sua opereta que correu mundo, assinalada por rotundos êxitos e que deliciou milhares de Amigos.

Após a actuação do nosso conjunto, usou da palavra o velho amigo Sr. Padre Francisco Antunes, que viu nascer as Casas do Gaiato! Recordou vivamente quanto a «Obra da Rua» e Pai Américo marcaram o seu sacerdócio — lição que encheu a alma dos circunstantes, e sobretudo muito oportuna para os candidatos ao sacerdócio, presentes na sala. Era com muita satisfação que se encontrava entre nós, disse Padre Francisco. E era! O calor das palavras, a alegria que transparecia, calaram fundo.

A segunda parte do Convívio foi rica de espiritualidade, também. Ouvimos, no máximo silêncio, o excerto de uma gravação de Pai Américo, encerrando a Festa no Coliseu em 1955. Era a sua presença viva no meio de seus filhos, e mais, entre os da

Uma visita significativa

Casa onde cimentou sua vocação de Padre — de Pai. Sr. Padre Carlos fez oportuno comentário à oração de Pai Américo e frisou que «Sem Amor nada se constrói, tudo fenece. Com Ele, tudo perdura. Temos o exemplo de Pai Américo!...» Momento de reflexão. Hora alta. As almas vibraram interiormente! Era Pai Américo, a sua voz, a sua palavra carismada — espelho da Palavra do Senhor.

Subiu, então, ao palco o Orfeão dos seminaristas, sob a regência de um deles. A malta tributou-lhe fartos aplausos. Pois deliciaram-nos com belos trechos de música popular. Finalmente houve ainda mais dois números cheios de interesse: imitação e uma bonita canção — letra e música de um seminarista — interpretada pelo que dedilhou uma guitarra.

O relógio passava da meia noite! Eram horas de descansar. E fomos todos prá cama, regalados.

No dia seguinte, domingo de manhã, foi a Missa na Capela. Concelebraram Padres da Rua e Sacerdotes do Seminário. A homilia, o Reitor traçou o perfil da vida e Obra de Pai Américo que, disse, «não foi para o Seminário aprender nada (no

sentido do conhecimento e Amor a Deus e ao Próximo). Já sabia tudo. Antes pelo contrário, frisou, recebemos muito de Pai Américo». Mais adiante — e confirmando o objectivo da significativa visita — acrescentou: «não podemos considerá-la uma excursão, mas uma romagem, um verdadeiro retiro espiritual». Na palavra autorizada do Reitor se resume o significado da presença em cheio do Seminário de Coimbra — estreitamente ligado à vida da «Obra da Rua».

A despedida, aqueles generosos rapazes cantaram! Alegres. Contentes. De alma a transbordar. Abraçaram e saudaram acaloradamente todos os gaiatos. E foram de braços no ar, com um adeus até à volta. Que não desejamos muito prolongada... Nós precisamos de sacerdotes. A Obra cresce, cresce, cresce!... E ela só pode crescer, efectivamente, — como se disse e muito bem — desde que venham mais sacerdotes verdadeiramente desprendidos, que se doem inteiramente — e com Amor. O Amor de Cristo que vence o mundo. Transforma as almas. E arrasta. Como arrastou Pai Américo. E faz dele a glória do Seminário de Coimbra!

Júlio Mendes



A Encíclica do Santo Padre «O Progresso dos Povos» e a intervenção na Assembleia Nacional acerca do Problema da habitação no Porto, fazem-nos considerar mais uma vez a oportunidade de renovação do conceito de assistência aos Pobres do Barredo. Decididamente temos de sair do individualismo na caridade prática e enveredar por uma análise dos problemas em toda a sua projecção humana, procurando realizar soluções adequadas ao nosso tempo.

«O combate contra a miséria, embora urgente e necessário não é suficiente». É mais do que matar a fome, cobrir o corpo, pagar a renda. «É preciso construir um mundo novo em que todos os homens possam viver uma vida plenamente humana. O homem só o é quando integrado no seu meio social, onde a família desempenha um papel de primeira ordem». Sabemos bem quanto as condições de miséria, proibindo um viver humano, impedem em absoluto a prevalência da vida de família. As condições de vida no Barredo, como em tantos lados semelhantes, são um atentado. Proíbem o viver humano enquanto impedem o homem duma promoção natural e necessária; e ainda porque tais condições são em si mesmas votadas a destruir o próprio homem pela doença, nele e nos filhos, pela degradação moral, que tantas vezes impede ou destrói uma vida familiar estável, e pela consideração mesquinha

em que a sociedade manietta o Pobre. «É preciso construir um mundo novo em que o Pobre possa sentar-se à mesa do rico», diz o Santo Padre. «Estará este pronto a dar o seu dinheiro, para sustentar as obras e missões organizadas em favor dos mais Pobres?»

Nesta linha de ideais tivemos a rara felicidade de saber dum Deputado que na Assembleia Nacional se ocupou dos Pobres dum modo completo e esclarecido, quando tratou o problema da habitação no Porto. Foram ali denunciadas a culpa da nossa inconsciência; o mal e as suas causas mais flagrantes que levam precisamente à negação do próprio homem como pessoa humana.

Foi ali exposto todo o trabalho de recuperação social que a Câmara do Porto tem desenvolvido no seu programa de habitação e a Igreja e Entidades Assistenciais no aspecto educação e assistência social. Foi ali claramente dito quais as medidas de carácter legal, a tomar como providências essenciais para que o restante trabalho não aborte e venha o vazio dum mal extinto atrair como num sorvedouro, outro mal idêntico.

Os Pobres estiveram na ordem do dia na Assembleia Nacional, porque o problema da habitação é em qualquer sentido um problema nacional. Porque a habitação não é apenas um local onde se vive e se morre, mas acima de tudo o lar, a base material e mo-

ral da instituição familiar, em cuja estabilidade reside a estabilidade da própria Nação. É o lar a maior aspiração do homem, ali onde se abriga, se geram os filhos, se junta a família à volta da mesa a comer o pão de cada dia, se medita no destino da vida e se sonham os grandes ideais».

Todos sabemos que não é assim a habitação do Pobre. Para se atingir este ponto, retomando a palavra do Papa «é necessário grande generosidade, muitos sacrifícios e um esforço contínuo por parte dos ricos. Compete a cada um examinar a própria consciência que agora fala com voz nova para a nossa época».

Padre José Maria

Paço de Sousa

ANIVERSÁRIO — Mais uma vez se comemorou o aniversário da ordenação sacerdotal do Senhor Padre Carlos.

Foi exactamente no dia 2 do corrente, do ano de 1954, que o Senhor nos deu mais um Padre, a caminhar ao lado de Pai Américo.

Começámos, esse dia célebre, dirigindo-nos à capela, para tomar parte na procissão da bênção dos campos que decorreu dentro dos nossos muros. Após este acontecimento, entrámos na Santa Missa, com o maior fervor e encarando o acto com seriedade.

Seguidamente, tivemos o pequeno almoço, e depois, cada qual foi para as suas oficinas.

OFICINAS — Aqui atrazado tinhamos várias modalidades profissionais, no mesmo edificio: Serralharia, Carpintaria, Alfaiataria e Sapataria. Ora, com todas estas repartições, era de facto, um aperto enorme, e, não era o suficiente para exercer qualquer trabalho que fosse mais além, principalmente nas duas primeiras secções referidas acima, e assim foram retiradas as

PELAS CASAS DO GAIATO



duas últimas secções, para outro local, para a «Casa um».

Também quero citar que depois destas mudanças, houve uma pequena renovação no edificio. E que este já se encontra em óptimas condições, e bastante espaçoso para se poder, agora, trabalhar e movimentar sem quaisquer dificuldades.

FESTAS — Deram-se por concluídas as nossas actuações. Elas findaram na Póvoa do Varzim, um local que foi pizado, pela primeira vez, e felizmente tudo correu da melhor feição.

Nós não fomos procurar nenhum êxito supremo, ou uma evolução para aristas profissionais. Fomos sim, mostrar verdadeiramente a nossa humildade e simplicidade e sentirmos o contentamento, a convivência amiga, dos nossos Amigos. E dar-mo-nos a conhecer melhor, o que somos na realidade.

Portanto, caros amigos. Ficámos imensamente gratos por todo o vosso acolhimento. Bem hajam.

António Ferreira Leite



Um dos nossos de Malanje carregado de tabaco.

Visado pela

Comissão de Censura



PELAS CASAS DO GAIATO

É uma Mulher aflita; que vive, há muito, em permanente aflição. São as doenças. O marido sofre de uma cujo tratamento parece não ser muito eficaz. É Pobre... E a mãe, idosa, jaz em uma cama que se desfaz, curtindo os males do último parto, já longínquo.

A pobre Mulher é, digamos, o braço forte do agregado. Marido, mãe e filhos são encargo pesado, mais ainda na época que atravessamos. De maneira que a nossa ajuda não é fraca, e o resultado, ainda que sofrível, de um trabalho cansativo (com a simples malga do caldo) em um campo que um lavrador lhe arrendou, mais a criação de um porqueto «estremecido», iam bastando

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

a família. Nós já sabíamos, aliás, que entre os vários casos a nosso cargo esse era, se não o mais grave, economicamente, pelo menos um dos piores. Até que há dias a pobre Mulher — num gesto heróico — que se lembra?! Procurar

o confrade, instando delicadamente para que não torne a sua casa!, pois «vendi um porqueto e tenho um dinheiro pra compor a vida por uns tempos... Quando precisar eu depois falo...» O confrade, que é pai de filhos — e sabe o que custa a vida e conhece perfeitamente a daquela gente — ficou estupefacto. Disse, em resumo, que poria o assunto à consideração dos companheiros e decidiria. A Mulher aceitou o conselho. Agradeceu. E tornou a chorar a sua cruz, tão pesada.

Mal soubemos todos do caso fomos por aí fora. Era o último domingo de Abril. Campos viçosos. Primavera em flor. Belezas — e riquezas — que Deus dá, sorriam aos nossos olhos. Mesmo a caminho, e frescos do Banquete Eucarístico, fizemos uma autêntica reunião vicentina, palmilhando montes e vales. Amadurecemos a decisão. E lembramos problemas de outros. Foi uma manhã muito cheia!

Ela não estava em casa (Tinha ido à Missa). O homem sim e os filhos também. A casa ainda era em desalinho, maior do que o costume. Mal tem tempo de a pôr a seu gosto! Faz pena.

Enquanto acariciámos a pequenada e colhemos do marido o estado dos seus males, ela aparece! Ficou espantada por nos ver, e àquela hora. Insistiu delicadamente na sua razão. Pois não se sentia bem sem declarar que a meia duzia de notas do porqueto remediava o caldinho por uns tempos: «Tinha vergonha de me calar!...» Que grande lição!!

Os confrades sabiam, mais ou menos, da miséria que ali se vive. Mas do saber ao ver e apalpar é uma distância profunda! A casa é velha. As camas, desprovidas de roupa. O homem, de camisa rota, e suja. «Tu não tens vergonha de estar assim?!», ralha a Mulher. E busca, no baú, entre os farrapos, uma lavada e remendada. Mudou-a ali ao pé de nós.

Notamos, entretanto, que trazia em mãos um frasco de remédio. Foi por ele à botica! Pasmámos não ter vindo até nós: «Tenho vergonha de andar sempre a pedir... E, agora, sempre tenho algum...» Outra lição!!

Por fim — e cheios de tanta verdade — decidimos contrariar a delicadeza daquela Mulher forte. Ela aceitou a nossa opinião. Mais; um dos nossos replicou de lado que é injusto o pouco que a gente dá. «É preciso dar mais.» Ainda que o mundo se escandalize — porque não sabe, não vive, não compreende, não sofre as dores do Homem das Dores, na pessoa dos nossos irmãos Pobres.

Foi um domingo de Acção de Graças, o Dia da Ascensão do Senhor. Pois que ele seja lembrado, em nossa acção, pelos anos em fora.

O QUE RECEBEMOS — Abre a assinante 17022, com 40\$00. Mais 50\$00 da 17740. Mais idem da 33573, pedindo desculpa «por ser pouco, mas só tenho por mês 900\$00 de reforma». Mais 20\$00 do Porto. E mais 50\$00, da R. Costa Cabral. E mais 20\$00 de Lamego. E o mesmo de A. F., que nunca falta! E outros 50\$00 de Alice Pequena, do Porto. Viva a Cidade Invicta! Mais 5\$80 de um cliente da nossa Tipografia, residente em Vilar de Andorinho. 20\$00 de uma Funcionária dos C. T. T. U., de Lourenço Marques. E, por fim, um embrulho de roupas da assinante 17164 e 100\$00 do nosso Manuel Teixeira.

CALVÁRIO

«A ti Maria das galinhas» — É aqui conhecida por este nome. Tem a sua história e cerca de 80 anos de idade. Não vamos aqui tratar de descrever a sua pessoa. Apenas dar uma ideia como nasceu o nome como é conhecida no nosso meio.

Se por vezes existem nomes «mesmo a calhar» este é um deles. Não procurámos saber se durante a sua vida, enquanto andou por lá, a sua paixão era tratar galinhas ou outros animais. O que temos verificado é que toda se afadiga levando tão a sério a sua ocupação que por vezes chega a ser impressionante.

Quando escasseiam as couves ou outros produtos elementares para o sustento das galinhas, é vê-la andar à busca de plantas para se entreter a migar para elas.

Fica positivamente doente se houver a necessidade de se recorrer à carne galinácea para o nosso sustento.

«Tanto gosto tenho nelas e vêm cá buscar para as matarem!» Mas o pior é que algumas não correspondem à sua boa vontade em lhes arranjar de comer... pois atrevem-se ainda a comer os ovos! Mas o mais flagrante exemplo deu-se por alturas da Páscoa.

Como disse mais acima, quando é necessário dá-se uma busca e abatem-se algumas. De maneira que cada um de nós possamos comer um bocadinho...

Pois assim foi dessa vez. Juntamente com galinhas foi um galo. A ti Maria nem comeu, no dia abate, tão chocada ficou! Lamentou o facto nos mais variados tons.

Ainda que soubessem como a nós, o certo é que só depois de nos aparecer com a cara em estado de pouca alegria, cedeu. Reparando melhor verificámos que quase junto à região ocular tinha uma ferida um tudo nada redonda. Poderia ter sido pior... — Sabem o que foi?

Um dos galos que ora restam não gostou dos lamentos dela. Como que a dizer-lhe que é ele o rei... E não o outro morto! E como consequência do seu protesto, não tendo outro argumento mais válido como que demonstrando os seus direitos na capoeira, pregou-lhe uma bicada que a deixou naquele estado pouco satisfatório!

Conhecias, leitor, esta faceta nesta ave?

Ora vejam! Como são as coisas... Quantas vezes lhe temos perguntado por que é que nem aos Domingos deixa as galinhas. Servia para descansar. Esse argumento não tem chegado porquanto responde sempre: «Dão-me tanto que fazer. E, por mais que lhes faça (às galinhas, claro) parece nunca estarem satisfeitas!» Vejam os senhores! Será por isso que elas lhe dão bicadas? Não o sabemos... apenas que a «ti Maria das galinhas» arranjou um passatempo útil!

Manuel Simões

MIRANDA DO CORVO

SEMENTEIRAS — Na semana passada acabámos com a sementeira da nossa batata.

Foram cinco dias de manhã à noite sempre a trabalhar. Até eu, que sou o cozinheiro, andei na sementeira.

Agora falta semear o milho e outras coisas, não há tempo a perder. Nós é que fazemos todo o serviço da quinta.

OBRAS — Como já anunciámos noutra oportunidade, que a serralharia já trabalha novamente, pois, já acabam as obras lá, anuncio agora que

andamos a reconstruir a carpintaria que fica uma grande e boa oficina.

Peço aos nossos amigos para nos ajudarem mandando cá fazer os trabalhos, pois os rapazes gostam de ter muito que fazer. Anuncio desde já que vamos ficar com uma marcenaria. O Senhor Padre Horácio anda atarefado com as contas: é tijolo para aqui e cimento para ali; é madeira para acolá. Quem nos ajuda?

CASAMENTO — No passado dia 2 de Abril realizou-se mais um casamento dos nossos rapazes. Foi o Pascoal com a Maria Eugénia. A missa foi às 11 horas seguindo-se o almoço que decorreu na maior das alegrias.

No fim do almoço apareceu o Senhor Prior a dar as Boas Festas. À tarde houve o célebre desafio de futebol e os noivos seguiram com o Senhor Padre Aclio passar a lua-de-mel a Setúbal. O Pascoal já está cá em casa há vinte e dois anos. Que sejam muito felizes, é o que nós todos desejamos.

Fonseca

TOJAL

Caros leitores, com certeza, que repararam nesta nossa longa ausência nas colunas de «O Gaiato». A razão de ser desta nossa ausência, resume-se nesta palavra: preguiça. Sentimo-nos envergonhados perante os nossos leitores que lêem tão simpático jornal.

FESTAS — Foi mais um êxito, graças a Deus, a nossa festa no cinema Monumental. Os nossos rapazes saíram-se muitíssimo bem, houve apenas alguns precalços mas isso não tem importância alguma, porque como todos os leitores sabem, os nossos rapazes não são artistas profissionais.

Nós Gaiatos sentimos o carinho e a amizade que todos os nossos amigos nos revelaram durante toda a nossa festa.

FUTEBOL — No dia 23 do mês passado tivemos um desafio com uma equipa de Lisboa muito simpática. Nós apenas perdemos por 5 bolas a 4 pois eles jogam bom futebol e têm brio.

Agora se me dão licença vou fazer-lhes um convite, que já não é a primeira vez que o faço. É nem mais nem menos convidar algumas equipas de futebol que nos queiram visitar que nós estamos sempre prontos para o que for.

OBRAS — A nossa Aldeia vai crescendo com ritmo e vivacidade graças a Deus. Caminhando com um rumo certo chegamos à conclusão que dentro de alguns anos chegaremos ao nosso destino se Deus o permitir.

Para bem dos vindouros e de toda a nossa Obra da Rua.

ESCOLA NOCTURNA — Para nos valorizar cada vez melhor a escola nocturna é o ideal que todos os nossos rapazes tentam alcançar para uma vida futura melhor. Os rapazes que frequentam a escola nocturna estão confiantes, procurando valorizar-se melhor.

Chegou a hora de me despedir de todos os leitores, então até à próxima oportunidade se Deus quiser.

Joaquim Martins

CANTINHO DE POESIA

A Poesia é um dom de Deus. Um dom natural que, como todos os talentos, deve ser posto a render e pode lucrar para LA, onde os ladrões não furtam nem a traça corroi.

Santos Silva, o nosso ex-«Faneca», nasceu Poeta. De pequenino, aqui se revelou em versos ainda pouco formais. Os seus 18 anos estão-nos demonstrando que a inspiração poética o toca deveras. De Benguela chegam-nos com bastante assiduidade, manifestações de seu estro. Por isso me habilito a lançar este Cantinho que ele irá ocupando quando lhe acontecer poesia — o que eu desejo ele espere, activa e humildemente, em ansia de perfeição.

Alma, descansa, dorme!

Dorme! Descansa nesta hora de calma,
Imortal alma que desceste a mim!
Descansa! Dorme! Que ainda não é hora
De te ires embora dando ao leito o fim.

Folha do livro do Mundo Infinito,
Ouve este grito que se esvai de dor,
Do coração saído ainda informe.
Descansa! Dorme! Vamos, meu amor!...

Dorme! E no sonho, se ao Inferno fores,
Os pecadores tu sofrer verás.
Descansa! Dorme! Não faças o mal,
Senão igual martírio, alma, terás!

Dorme! E se fores no sonho ao Purgatório,
Um peditório faz pelos que estão lá.
Descansa! Dorme! — E, minh'alma, sonhando,
Vai-me guiando na Vida Cristã!

Dorme! E no sonho, se fores aos Céus,
Confessa a Deus o mal que tenho feito.
Descansa! Dorme! E eu velarei teus sonhos
Virgens, risonhos, que tens neste leito...

Não adormeças num sono profundo,
Senão do mundo em que vivemos caís!
E eu, lacrimoso pela desventura,
Prá sepultura seguirei aos ais...

Assa (não de ave!), princípio sem fim,
Já te vais de mim?... Tem pena... 'inda não
[vás!...

Porém, se fores, por mim a Deus psalma,
Imortal alma que dormindo estás.

30/4/67

SANTOS SILVA



Júlio Mendes